



---

**CONGRESO  
IBEROAMERICANO**  
DE CIENCIA, TECNOLOGÍA,  
INNOVACIÓN Y EDUCACIÓN

---

BUENOS AIRES, ARGENTINA  
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

---

**CONGRESSO  
IBERO-AMERICANO**  
DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,  
INOVAÇÃO E EDUCAÇÃO

---

BUENOS AIRES, ARGENTINA  
12, 13 Y 14 DE NOVIEMBRE 2014

## **LEITURA: APRENDER A PALAVRA, APRENDER O MUNDO**

Quarentani A. P.

# LEITURA: APRENDER A PALAVRA, APRENDER O MUNDO

Ana Paula Quarentani

apquarentani@uol.com.br

Alexandre Huady Torres Guimarães

alexandre.guimaraes@mackenzie.br

## INTRODUÇÃO

Um dos papéis da educação nas escolas é auxiliar no desenvolvimento de cidadãos. O respeito às diversidades, culturas, religiões são aspectos importantes para o exercício da cidadania. Neste cenário, a participação do professor como agente transformador é de vital importância. No livro **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra** encontra-se exatamente esta ideia (FREIRE e MACEDO, 2011, p.81):

Quando desafiados por um educador crítico, os alunos começam a compreender que a dimensão mais profunda de sua liberdade encontra-se precisamente no reconhecimento das coerções que podem ser superadas. Então descobrem, no processo de se tornarem cada vez mais críticos, que é impossível negar o poder constitutivo de sua consciência na prática social de que participam

O papel da Leitura, então, pode tornar-se o ponto de partida para a melhora desta percepção da realidade, com exercícios voltados à capacidade interpretativa e à linguagem escrita.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino de Língua Portuguesa para o terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental preveem a utilização de diferentes tipos de atividades que envolvam leitura, escrita e interpretação de textos durante as aulas.

O ensino de Língua Portuguesa, em grande parte das escolas, no entanto, é voltado, basicamente, para o aprendizado das normas gramaticais. Os livros didáticos, em sua maioria, limitam-se a apenas trazer as nomenclaturas existentes. “[...] pretender que o aluno saiba o nome que as coisas na língua tem; ou seja, o que centraliza o ensino é saber rotular, saber reconhecer e dar nome às coisas da língua”

(ANTUNES, 2003, p.87). A leitura de livros, neste cenário, acaba transformando-se em algo restrito, e seu uso no aprendizado da linguagem até mesmo inexistente.

Em alguns casos, quando os alunos entram em contato com um texto, não o fazem de forma dinâmica e compartilhada com a sua realidade. “A palavra nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante” (FREIRE, 1987, p.33). Ou seja, não há preocupação com a transformação, com as trocas de valores e com a reflexão do contexto a que os alunos foram inseridos.

Um dos resultados prováveis desta falta do pensar ao ler é o prejuízo a Zona de Desenvolvimento Potencial. O linguista L.S.Vygotsky realizou vários estudos neste sentido e constata que a formação de conceitos para a resolução de problemas nos jovens, por exemplo, é fraca, devido à falta de incitação a atividade da inteligência.

Além disso, a escrita, em muitos momentos, também é algo aterrorizante para os alunos, pois eles precisam criar uma sequência de frases, reproduzir a fala em formato de palavras e as ideias são muitas, mas difíceis de sintetizar em poucos parágrafos. O auxílio de outras pessoas, valorizando os esforços dos discentes, traria benefícios imediatos e desafios adequados com suas possibilidades. “Todos aqueles que como nós, de uma maneira ou de outras, estão comprometidos com a formação dos cidadãos da cultura escrita exigidos nos tempos atuais” (FERRERO, 2010, p.148). Ou seja, produzir atividades com textos que passem do simples ler para o entender e escrever.

Nesse sentido, a leitura pode possibilitar uma melhor compreensão do mundo. De fato, trazer à tona a problemática de sua realidade, negando sua abstração e não deixando que a opressão o continue atingindo.

Assim, o presente estudo objetiva colocar em prática as sugestões descritas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, com a inserção da leitura de livros, contos, poesias, textos jornalísticos diversos (jornais, revistas, blogs, sites, opinião) e filmes relacionados aos títulos escolhidos para uma prática de educação libertadora, ao mesmo tempo motivadora de habilidades escritas para a promoção do letramento e do entendimento das regras gramaticais que norteiam a sociedade. “A libertação só vem quando as pessoas cultivam sua linguagem e, com ela, o poder de conjectura, a imaginação de um mundo diferente a que se deve dar forma” (FREIRE e MACEDO, 2011, p.17). Esta é a consciência crítica do ser humano.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo o educador Paulo Freire, a “compreensão crítica do ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (1989, p.9). Ou seja, o pesquisador descreve que ao ler, o indivíduo pode alcançar o entendimento entre o texto e sua realidade.

É importante que o aluno compreenda porque ler é bom. Mais do que isto, é fundamental “suscitar o desejo e a capacidade de devorar a literatura do mundo inteiro” (HOUSTON, 2010, p.129). Por isso, é necessário estabelecer uma linha direta entre o educador e o educando: um processo em que os dois cresçam juntos para uma educação libertária. O papel do professor, neste caso, é promover a inserção de leituras que possam ser transportadas para o dia a dia do aluno. A leitura, portanto, não resulta apenas do entendimento dos elementos linguísticos, mas “envolve diferentes processos e estratégias de realização na dependência de diferentes condições do texto lido e das funções pretendidas com a leitura” (ANTUNES, 2003, p.77).

Interessante também é inserir conceitos de análise e interpretação dos textos lidos. Disponibilizar para os alunos fatos históricos, culturais e sociais da época em que foram escritos os livros. A possível desmontagem do texto em partes para tentar compreender o porquê as palavras foram arranjadas daquela forma e os comentários explicativos da obra são formas de auxiliar no entendimento e na reconstituição do todo. “A explicação pode ser uma espécie de superação inicial de alguns obstáculos do texto” (ARRIGUCCI JUNIOR, 2010, p.222). Isto fará com que a escrita seja realizada de forma muito mais consistente.

Que sejam capazes de produzir textos, não apenas para cumprir requisitos burocráticos (da burocracia escolar ou da burocracia administrativa), mas para algo tão importante que é ‘dizer por escrito’, colocar a própria palavra por escrito e, por meio dessa aprendizagem, compreender melhor a estrutura, a função, a força elocutória e a beleza dos textos que produziram (FERRERO, 2010, p.146)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, é tarefa do professor criar procedimentos para que o aluno possa compreender o texto que está trabalhando. A produção de esquemas, resumos, roteiros que indiquem o que será analisado e produzido podem ser de grande valia para o estudante. “Muito do fracasso

dos objetivos relacionados à formação de leitores e usuários competentes da escrita é atribuído à omissão da escola e da sociedade diante da questão tão sensível à cidadania” (BRASIL, 1998, p.32). Uma proposta para ilustrar este pensamento é encontrada no livro **O texto em sala de aula**, de João Wanderley Geraldi (1998). O autor sugere que o uso das práticas de escuta e de leitura de textos e de produção de textos orais e escritos estão interligadas e essas são utilizadas como reflexão a partir da prática da análise linguística.

Ao mesmo tempo, ao trabalhar com os textos e seus sentidos é interessante pensar na construção de uma atividade interativa com produção de sentido, pois “desse leitor, espera-se que processe, critique, contradiga ou avalie a informação que tem diante de si, que a desfrute ou a rechace, que dê sentido ao que lê” (SOLÉ, 2003, p.21). Nessa linha foi possível utilizar diferentes tipos de aprendizagem. A inserção de gêneros textuais foi uma delas. A forma como se fala está intimamente ligada a um gênero e esse conhecimento prévio do estudante auxilia em sua compreensão na escrita. No entanto, em certos casos, o aluno pode não utilizar determinado gênero em seu dia a dia, daí a importância da inserção de atividades que possibilitem o trabalho com intertextos, reconstrução textual, análise e que o estudante possa assumir o papel de revisor da redação. “[...] as aulas podem deixar de ter um caráter dogmático e/ou fossilizado, pois a língua a ser estudada se constitui de formas diferentes e específicas em cada situação e o aluno poderá construir seu conhecimento na interação com o objeto de estudo, mediado por parceiros mais experientes” (DIONÍSIO; MACHADO; BEZERRA, 2010, p.44). Isto é, ao fazer uso de estratégias de algumas destas técnicas de ensino foi possível planejar, estruturar e colocar à disposição do estudante textos que apresentem as circunstâncias típicas vividas por ele e sua aplicação na rotina diária.

Por fim, mostrar ao educando que ele pode ser o sujeito da própria trajetória, ampliando conceitos, ideias e repertório de informação. “[...] examinar a história criticamente. Como participantes ativos e verdadeiros sujeitos, podemos fazer a história apenas se continuamente formos críticos de nossas próprias vidas” (FREIRE e MACEDO, 2011, p.244), ou seja, ter a experiência de viver no mundo e aprender sobre ele.

Assim, é a partir do uso da língua, da leitura de livros e sua discussão que se transformará esta atividade em uma prática cotidiana, promovendo não só a alfabetização, mas o verdadeiro letramento e estabelecendo a relação entre a leitura do mundo e a leitura da palavra.

## MÉTODO

Para a realização do projeto, utilizou-se métodos teóricos de aprendizagem que não se restringiam em apenas fazer da leitura algo corriqueiro e sem importância.

O estudo proposto implantou as atividades de leitura, escrita, interpretação e o ensino da gramática com foco no desenvolvimento comunicativo. Os conceitos foram ensinados na prática, sugerindo a reflexão no uso, e não apenas na sua forma de memorização de nomenclatura e de classificação de termos.

A faixa etária pesquisada foi de estudantes do nono ano do Ensino Fundamental II (entre 13 e 14 anos), da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Arquiteto Luís Saia<sup>1</sup> (bairro de São Miguel Paulista) entre os meses de fevereiro e dezembro de 2014. A aplicação do estudo foi realizada nas turmas do nono ano, salas A e G, especificamente. Na primeira foram 22 alunos e na segunda, 32.

As atividades com os estudantes ocorreram uma vez por semana, com período de 1 hora e meia. Entre 45 e 60 dias um livro foi inserido para que fosse possível trabalhar as capacidades de linguagem. O tema foi relacionado à realidade do aluno: morador de classe média baixa que vive em meio à violência, com problemas típicos de um adolescente e a criação de uma identidade a partir de fatos históricos, culturais e sociais.

Durante o transcorrer do ano foram inseridas tarefas que trabalharam conceitos de análise, compreensão, dissertação e a própria gramática normativa como um mecanismo linguístico que permite a produção dos sentidos do texto. Ao final, ainda, foi proposto que os alunos produzissem um livro contando suas histórias familiares, culturais, econômicas e sociais, e a forma como veem o mundo ao seu redor.

A bibliografia utilizada com os alunos mesclou os considerados clássicos da literatura com autores populares. Todos os livros foram doados aos estudantes. Os temas foram discutidos e escolhidos, de comum acordo, entre a pesquisadora e a direção e coordenação pedagógica da unidade de ensino. As diversas escolhas temáticas privilegiaram a variedade dos gêneros literários para demonstrar a riqueza e a pluralidade da literatura existente em Língua Portuguesa.

---

<sup>1</sup> A escola está localizada à Rua Américo Gomes da Costa, 93 (Zona Leste de São Paulo). A pesquisadora esteve em reuniões com a Diretora do estabelecimento de ensino, Professora Tânia Maranesi, e a coordenação pedagógica para estabelecer os critérios que seriam utilizados para a produção do trabalho científico. Houve a pronta aceitação e apoio da unidade escolar para a realização da pesquisa.

Nos meses de fevereiro e março foi discutida uma história presente em **As Crônicas de Nárnia (O leão, a feiticeira e o guarda-roupa)**, de C.S. Lewis. Nesta etapa os alunos falaram sobre a relação entre irmãos, a liderança, o caráter, os valores éticos e morais e os sentimentos que norteiam os relacionamentos.

O livro foi dividido em três partes: na primeira semana foi proposta a leitura dos Capítulos I a IV; na segunda, V a XIII; e na terceira, XIV a XVII. Na primeira aula foi realizada uma introdução sobre o livro com o resumo da história. A partir daí, em cada aula, os trechos foram discutidos com o objetivo de buscar elementos interpretativos no texto e sugerido que os educandos tirassem suas próprias conclusões a respeito da obra. Para Irandé Antunes, em **Aulas de Português** “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor” (2003, p.66), ou seja, é na interação entre o sujeito e o texto que se pode obter essa decodificação da palavra.

Ao mesmo tempo, foi trabalhado o gênero textual reportagem com a proposta de resultado da leitura da obra: produção de textos sobre Nárnia para revistas específicas (*Caras, Atrevidinha, Mundo Estranho, Viagem e Ana Maria*) estudadas em sala de aula. De acordo com Abuêndia Padilha Pinto, in **Gêneros Textuais e Ensino**, “o aprendizado de gêneros representa um processo de socialização nos modos de organizar o conhecimento e na maneira de representar suas percepções e seu conhecimento para os outros” (2010, p. 61-2), pois, dessa forma, é possível o estudante ter as habilidades necessárias para informar e/ou buscar as referências que melhor se encaixem na sua produção textual.

No decorrer dos estudos foi demonstrado aos educandos, também, que, apesar de focar a mesma história, os periódicos apresentam públicos diferentes, isto é, cumprem funções comunicativas socialmente específicas. “O professor não pode, sob nenhum pretexto, insistir na prática de uma escrita escolar sem leitor, sem destinatário; sem referência, portanto, para se decidir sobre o que vai ser escrito” (ANTUNES, 2003, p.47), ou seja, verificar criticamente qual função social irá cumprir, depende de quem vai ler.

Já entre abril e maio, houve a leitura de **Um certo Capitão Rodrigo**, de Érico Veríssimo. Os alunos entraram em contato com os elementos biográficos e culturais da época e diferenças de costumes.

A obra também foi dividida em partes: na primeira semana capítulos 01 a 04; na segunda, 05 a 11; na terceira, 12 a 17; na quarta, 18 a 23; e na última semana, 24 a 28.

Durante a leitura foram inseridas atividades com vistas à valorização da cidadania. A adição da obra infantil **O Reizinho Mandão**, Rute Rocha, e da música **É, Gonzaguinha**, durante as aulas, auxiliaram no desenvolvimento crítico dos alunos perante as situações empregadas pela pesquisadora. Nas atividades em sala foram incluídos temas relacionados à política nacional atual em comparação com a época história retratada no livro (década de 1830). Os alunos debateram e refletiram sobre o papel de cidadão na sociedade e como torná-lo apto para assumir sua posição de ente político nas decisões diárias que afetam sua qualidade de vida.

Os estudantes realizaram pesquisas entorno da região em que residem sobre os principais problemas e apontaram soluções. Aos alunos foi sugerido que raciocinassem sobre as aflições genéricas da população e não pensassem somente em seus questionamentos solitários, isto é, levar “o indivíduo a abandonar suas atitudes espontâneas, subjetivas ou egocêntricas, e preferir a reciprocidade e a objetividade” (GAUTHIER e TARDIF, 2013, p.349). Como devolutiva, os alunos fizeram um caderno com propostas políticas para melhoria na região onde está situada a escola e sua própria vida em comunidade.

No período de férias houve a leitura do Livro **Ela disse, Ele disse**, de Thalita Rebouças, que trata de questões afetas aos adolescentes. Nesse caso, a leitura foi inserida como deleite, pelo simples gosto de ler. Sem cobranças ou prestação de contas. Como diz Rubens Alves em **Lições de feitiçaria** (2001, p.27-28).

As palavras também podem ser objetos de fruição, se nos ligamos a elas pela mesma razão que nos ligamos a um pôr do sol, a uma sonata, a um fruto: pelo puro prazer que nelas ora...Brinquedos, fins em si mesmas, palavras que não são para ser entendidas, são comida: o caminho da poesia.

Em agosto e setembro, **Morte e Vida Severina**, de João Cabral de Melo Neto. Nesta etapa, os estudantes abordaram os problemas da seca, da migração, da pobreza vividas pela população do Norte e Nordeste e do que significa ter uma vida “severina”. Em muitos casos, analisaram sua própria história.

Nesse período, também, foram estudados os gêneros “Artigo de Opinião” e “Carta ao Leitor”. Houve a caracterização desses temas e seu uso na imprensa escrita e, em seguida, os alunos foram motivados a escrever seus próprios textos. A



pesquisadora trouxe assuntos relacionados à matéria estudada na época. Após, houve a troca dos escritos entre os discentes e, cada um, teve de escrever uma carta criticando o que havia lido. Com isso, a leitura e a escrita deixaram de ser práticas escolarizadas e passaram ao desenvolvimento do letramento e da cidadania.

Além disso, houve a adição de músicas, poemas e imagens representativos do tema: **Cálice, Crioulo; Disparada, Rappyn Hood e Jair Rodrigues; Levanta e Anda, Emicida; Miserere-Nobis, Banda Tropicália; O bicho, Manuel Bandeira;** e imagens do fotógrafo **Sebastião Salgado**, das obras **Terra e Êxodo**.

Como devolutiva final da leitura do livro, os alunos criaram uma música e um clipe sobre “O que é ter vida Severina” e realizaram uma mostra de fotografias sobre o tema. A atividade propiciou aos alunos a oportunidade de aprender e colocar em prática diferentes forma de linguagem e discursos ideológicos, além de identificar e dramatizar maneiras contraditórias e/ou iguais de ver o mundo.

O ensino e a aprendizagem devem estar vinculados à meta de educar os alunos para correr riscos, para lutar com as relações de poder vigentes, para apropriar-se criticamente das formas de conhecimento existentes fora de sua experiência imediata, e para imaginar versões de um mundo que (no sentido blochiano) “ainda não é” – a fim de serem capazes de alterar as bases sobre as quais a vida é vivida. (FREIRE e MACEDO, 2011, p.68)

Nos meses de setembro ao início de outubro, **Literatura de Cordel e Movimentos Musicais: Rap e Funk**, como forma de desenvolver e examinar como os alunos verificam a própria realidade e a formação de sua opinião. A análise das letras das músicas, a busca das mensagens implícitas nos textos e seu esboço de panoramas históricos e sociais são importantes ferramentas metodológicas para interpretação textual. Os autores escolhidos foram **Gabriel, o pensador** com **Estudo Errado** e **Zeca Baleiro**, com **As meninas dos Jardins**, dois compositores da música brasileira que denunciam os dilemas enfrentados na educação e nas classes sociais. Por sugestão dos próprios estudantes foi inserido o músico **Mc Garden**, com **Não tenha vergonha de dizer** e **Funk da Educação**.

Durante o final do mês de outubro e todo o mês de novembro, os estudantes prepararam os capítulos do livro escrito por eles. O desenvolvimento dessa atividade pedagógica é resultado da “necessidade de os professores e alunos recuperarem suas próprias vozes, de modo que possam tornar a contar suas próprias histórias e, ao fazê-lo, “conferir e criticar a história que lhes contam em comparação com a que viveram” (FREIRE e MACEDO, 2011, p.57), isto é, ir além da pedagogia tradicional e

partir de um estudo crítico com práticas que proporcionem um projeto baseado na ação social transformadora da sociedade.

A proposta, então, não foi simplesmente treinar os diferentes tipos de leitura, mas desenvolver atividades que fomentassem a criação da palavra escrita em consonância com a reflexão daquilo que foi trabalhado.

Para os alunos que provêm de comunidades com pouco ou nenhum acesso a materiais de leitura, ou que oferecem poucas possibilidades de participação em atos de leitura e escrita junto a adultos experientes, a escola poderá ser a única referência para a construção de um modelo de leitor e escritor. Isso só será possível se o professor assumir sua condição de locutor privilegiado, que se coloca em disponibilidade para ensinar fazendo (MEC/SEF, 1998, p.66).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas discussões da primeira leitura foram realizados exercícios de fixação. No exemplo abaixo, solicitou-se que os educandos escrevessem uma manchete utilizando como tema a história da Branca de Neve para uma publicação específica. O texto da aluna H.F.O, 13 anos, para a revista *Atrevidinha*, foi aqui reproduzido (manteve-se a sequência linguística utilizada pela estudante):

Testes incríveis para saber qual dos sete anões combina mais com você [O]. A Branca de Neve fala como era a vida com os sete anões e fala: “Eles cantam muito bem, em maio sairá o CD ‘Eu vou eu vou para casa agora eu vou’, o novo sucesso desse ano da Boy Band mais amada do reino encantando.

Para o conhecimento do primeiro parágrafo – chamado lide jornalístico – igualmente foram ministradas aulas com o objetivo de auxiliar o discente na confecção da reportagem de forma independente, como sugere Clermont Gauthier e Maurice Tardif (2013, p.407).

No ensino explícito, o docente modelará inicialmente, diante dos alunos, o que se deve fazer, para depois acompanhá-los em prática dirigida, a fim de que eles se exercitem por sua vez; assim, eles serão capazes, no fim do trabalho, de executar a tarefa sozinhos, em prática autônoma

Como produto final do dever realizado em casa tem-se o exemplo da estudante G. D. S, 13 anos, reproduzido abaixo (foi mantida a sequência linguística utilizada pela estudante). Os alunos tinham de escrever um lide com as palavras: rolezinho, shopping, 400 jovens, sábado à noite, garrafas e música alta e portas fechadas.

Na noite de sábado, 20, iria acontecer um Rolezinho em shopping no centro de São Paulo, mas quando os participantes do evento chegaram, o local estava de portas fechadas. Os 400 jovens resolveram fazer o rolé na frente do estabelecimento, houve muita música alta, bebidas, garrafas e mais. Porém esse acontecimento não agradou os diretores do shopping.

Com o resultado dos textos em mãos a pesquisadora apontou os problemas gramaticais aos alunos e sugeriu que eles realizassem a autocorreção, a partir das aulas sobre os tópicos linguísticos ministrados posteriormente. Ao longo das atividades foi verificado que os alunos tornaram-se mais críticos e aptos para fazer algo com o que foi lido. No entanto, na análise das duas classes verificou-se que a maioria dos estudantes do 9 A procuraram interpretar a obra lida, enquanto grande parte dos alunos do 9 G realizaram a compreensão e, por vezes, apenas a leitura da obra. Como resultado, houve dificuldade na confecção das revistas. “[...] é que a dificuldade dos alunos para escrever tem sua razão de ser; também, no pouco contato que eles mantêm com textos escritos” (ANTUNES, 2003, p.76), isto é, não houve a completa interação educando-livro-escritor necessária para uma escrita diversificada. No 9 A, foram entregues os trabalhos produzidos para as revistas *Caras*, *Mundo Estranho*, *Ana Maria* e *Atrevidinha*. Já no 9 G, somente foi entregue o resultado da revista *Caras* e, posteriormente *Mundo Estranho*.

Por fim, os educandos puderam identificar na prática quais os reais efeitos produzidos por determinada pontuação ou frase no contexto e, principalmente, tomar consciência dos múltiplos usos que a língua pode oferecer. Segundo Irandé Antunes, “nessa perspectiva, a compreensão, o sentido é que serão os pontos privilegiados, para que aconteça, de fato, o pretendido encontro” (2003, p.80). Ou seja, foi possível desenvolver o pensamento estrutural da linguagem por meio de aplicações reais. Ao mesmo tempo, os alunos que não fizeram o trabalho final ou não alcançaram o real entendimento entre público e livro puderam refazer as revistas, com o apoio da pesquisadora. Foi possível entender que, ao apenas atribuir certo ou errado, não seria possível contribuir para o aprendizado da palavra e do mundo por parte do estudante. O papel do professor é ser educador.

Ensinar é mais do que simplesmente administrar um conteúdo, dividi-lo em sequências e transmiti-lo; é também preocupar-se com o educando. O ensino implica um movimento em direção ao outro, o aluno, para compreendê-lo, apoiá-lo, dar-lhe aquilo de que ele precisa. Isso supõe, pois, um método que vai além das simples considerações a respeito da matéria,

e que se interessa por aquele a quem o mestre se dirige (GAUTHIER e TARDIF, 2013, p.113)

Nessa nova etapa, somente os alunos que haviam entregado o material anteriormente realizaram a revisão. Não houve a devolução dos trabalhos, a priori, não concretizados.

Nas atividades envolvendo o livro **Um Certo Capitão Rodrigo** e as leituras e músicas extras pôde-se verificar como resultado a reflexão sobre os comportamentos dos personagens da obra literária e o entendimento de governo de cada educando. Um exemplo abaixo citado abaixo da estudante R.S.B, 13 anos (foi mantida a sequência linguística utilizada pela estudante).

Na música “É” de Gonzaguinha, ele quer viver como um cidadão com respeito e não como o governo propôs e espresa a sua opinião através da música. E Pedro Terra não gostava do governo, pois para ele o governo só dava prejuízo para o trabalhador. Portanto, tanto na música, quanto na opinião de Pedro, o governo só quer dar prejuízo para o trabalhador (pobre)

Já com relação ao exercício sobre problemas do bairro a maioria dos educandos discorreu sobre a falta de profissionais médicos no Hospital da região, Tide Setúbal, calçadas e praças mal cuidadas e questões ligadas à segurança (como assaltos e tráfico de drogas).

É possível citar o exemplo do aluno H. A., 13 anos (foi mantida a sequência linguística utilizada pela estudante).

Arrumar calçadas na Avenida São Miguel, 9602-9642 - Vila Norma já aconteceram vários acidentes nessa calçada no dia 27/5 uma mulher foi passa por essa calçada e morreu ela tinha 2 filhos e ate agora nada aconteceu

Durante o período de aplicação desta pesquisa houve o estado de greve dos professores da rede municipal de ensino de São Paulo. Os estudantes ficaram cerca de 40 dias com docentes substitutos ou sem ir para a escola. Apesar dos percalços, 36, dos 54 alunos, realizaram o trabalho. Os obstáculos encontrados pelos discentes foram estudados, apresentados em sala e editados em um caderno, contendo 53 problemas e 87 propostas para resolução das questões. O material foi entregue à vice-prefeita da cidade de São Paulo, Nádia Campeão, no dia 02 de junho de 2014, em solenidade realizada na sede da Prefeitura, com a participação de todos os estudantes. Com esse trabalho, objetivou-se centrar uma pedagogia motivada na ideia da conscientização como um processo sem intervalos em que o aluno passa do

pensamento primário ao crítico. Para o educador Paulo Freire, “[...] impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, sequer, a educação, sem que esteja atento à questão do poder” (FREIRE, 1989, p.15-6), ou seja, educar é um ato político.

A atividade envolvendo a obra **Ela disse, Ele disse**, demonstrou que livros voltados ao público adolescente promovem o interesse e a satisfação no momento da leitura. O aluno C. B. A. M, de 13 anos, não gostou dos dois exemplares estudados anteriormente, porém, em menos de uma hora, depois de receber o novo volume disse: “professora já estou na página 43 do livro”.

Assim, a leitura deixaria de ser uma tarefa escolar, um simples treino de decodificação, uma oportunidade de avaliação, para ser, junto com outras atividades, uma forma de integração do aluno com a vida de seu meio social (ANTUNES, 2003, p.119)

As práticas abrangendo o poema **Morte e Vida Severina** foram iniciadas com a produção de um artigo de opinião e, em seguida, sua discussão por meio da carta ao leitor. O processo argumentativo ofereceu ao estudante uma forma de conscientização de sua identidade e a possibilidade de construir sua mudança democrática e emancipadora. Para Freire e Macedo “a libertação só vem quando as pessoas cultivam a linguagem e, com ela, o poder de conjectura, a imaginação de um mundo diferente a que se deve dar forma” (2011, p.17), ou seja, a geração de um novo pensamento de sua existência.

No decorrer das aulas foram apresentados artigos de opinião com diferentes pontos de vista sobre “vida severina”. A ação foi importante para demonstrar ao aluno que o escritor pode expor seu pensamento de diversas formas, adaptados às situações cotidianas e, para convencer seu leitor, seria possível a utilização dos argumentos, contra-argumentos e tomadas de posições com base em técnicas de persuasão. Para Lusinete Vasconcelos de Souza, In **Gêneros Textuais e ensino**, “a percepção da dialogia levou-nos a ver o texto, não como um produto fechado, em si mesmo e único, porém em suas relações com o contexto social, com os textos já lidos pelo leitor e suas experiências de vida, com as ligações feitas com as diversas áreas de conhecimento” (2010, p. 65).

Com a produção dos artigos de opinião, houve a troca dos textos entre os discentes e cada um escreveu uma carta ao leitor referente ao que havia lido. Esse exercício serviu para estimular, mais uma vez, a capacidade argumentativa do aluno e retratar a atividade escrita como uma manifestação verbal das ideias, intenções e conceitos partilhados. “As palavras são apenas mediação, ou o material com que se

faz a ponte entre quem fala e quem escuta, entre quem escreve e quem lê” (ANTUNES, 2003, p. 45).

Ao mesmo tempo, foram acrescentadas músicas, poemas e imagens que fizessem parte do universo “severino” e do meio social do estudante e puderam refletir sobre os efeitos de diferentes mídias envolvendo um mesmo tema e formular suas conclusões.

A atividade final proposta para leitura da obra foi a exposição de fotos do tema “O que é ter vida Severina”, no Mercado Municipal de São Miguel Paulista, na primeira semana do mês de outubro. Assim, como, a criação de uma música e seu respectivo videoclipe sobre o assunto. Graças a este tipo de projeto, pôde-se oferecer aos estudantes a amplitude de seu vocabulário, a estruturação do pensamento lógico, objetivo e claro.

Em seguida, ao abordar a literatura de cordel e os movimentos musicais - escolhidos dois ritmos distintos: rap e mpb - foi possível desenvolver o entendimento de diversas culturas e formas de expressão presentes na cultura brasileira. Conforme Ferreira (2002, p.13): “Com a música, é possível ainda despertar e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo”. Assim, a música tem uma função pedagógica, onde o estudante aprende a realidade que o envolve. Além disso, a pesquisadora atendeu ao pedido dos alunos e adicionou às aulas outro compositor demonstrando que “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinando, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos” (FREIRE, 1996, p.14).

Nos dois meses finais – outubro e novembro – os estudantes focaram na escrita de um capítulo do livro biográfico do projeto. Os discentes puderam colocar em prática tudo o que visualizaram durante a aplicação do estudo e, principalmente, se tornarem sujeitos de sua identidade. Um dos pontos importantes foi deixar esta publicação com fácil acesso ao público que frequenta a escola. Ao mesmo tempo, cuidar de espalhar esta prática para outros locais.

## CONCLUSÃO

O trabalho com a leitura permitiu que o aluno compreendesse, gradualmente, como funcionava a literatura e passasse da mera ingenuidade para o desenvolvimento e reconhecimento do caráter ficcional daquele texto. De acordo com o professor Marcos Bagno, em **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro** (2011, p.20):

O enfoque deve ser, portanto, essencialmente semântico-pragmático-discursivo: as reflexões sobre os aspectos especificamente gramaticais precisam ser lançadas contra esse pano de fundo semântico-pragmático-discursivo, de modo a conscientizar o aprendiz de que os recursos disponíveis na língua são ativados essencialmente para a produção de sentido e a interação social.

Graças a todo esse processo foi possível perceber que houve uma contribuição significativa para a ampliação da capacidade crítica do uso oral e escrito da língua portuguesa e acima de tudo que “a compreensão não requer os conhecimentos do texto e os do leitor coincidam, mas que possam interagir dinamicamente” (ALLIENDE e CONDEMARIN, 2002, p.126-7).

A pesquisa demonstrou que lecionar é respeitar curiosidade do educando, sua linguagem e, principalmente, valorizar seus conhecimentos na sala de aula. A mera inserção de literatura em classe de forma monótona, possivelmente não permitiria que o educando percebesse a informação e fosse capaz de analisa-la, entende-la e decodifica-la para sua real aprendizagem.

Além disso, ao incorporar as sugestões dos estudantes nas aulas percebeu-se que a educação passou de um simples método de reprodução para um sistema de cooperação e, por assim dizer, a construção de uma reforma democrática.

O educador Paulo Freire em **Pedagogia da Autonomia** (1996, p.63-4) sintetiza essa ideia de parceria entre aluno e professor.

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar.

Ou seja, uma forma de educação libertária em que a alfabetização não é simplesmente um procedimento mecânico, mas sim uma relação entre os educandos e o mundo e sua prática transformadora na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. (2005). *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed
- ALVES, R. (2001). *Lições de feitiçaria*. São Paulo: Edições Loyola.
- ANTUNES, I. (2003). *Aula de Português*. São Paulo: Parábola Editorial.
- ARRIGUCCI JUNIOR, D. (2010). *O guardador de segredos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BAGNO, M. (2011). *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BRASIL. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF.
- DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (2010). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial.
- FERREIRA, M. (2002). *Como usar a música em sala de aula*. São Paulo: Contexto.
- FERRERO, E. (2010). *Sobre as não previstas, porém lamentáveis, consequências de pensar apenas na leitura e esquecer a escrita quando se pretende formar o leitor*. São Paulo: Escola da Vila.
- FREIRE, P. (1989). *A importância do Ato de Ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (2011). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. (2011) *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GAUTHIER, C.; TARDIF, M. (2013). *A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias*. Petrópolis: Vozes.
- HOUSTON, N. (2010). *A Espécie Fabuladora*. Porto Alegre: L&PM.
- SOLÉ, I. (2003). “Ler, leitura, compreensão: sempre falamos a mesma coisa”. En: A. TEBEROSKY et al. *Compreensão de leitura: a língua como procedimento*. Porto Alegre: Artmed